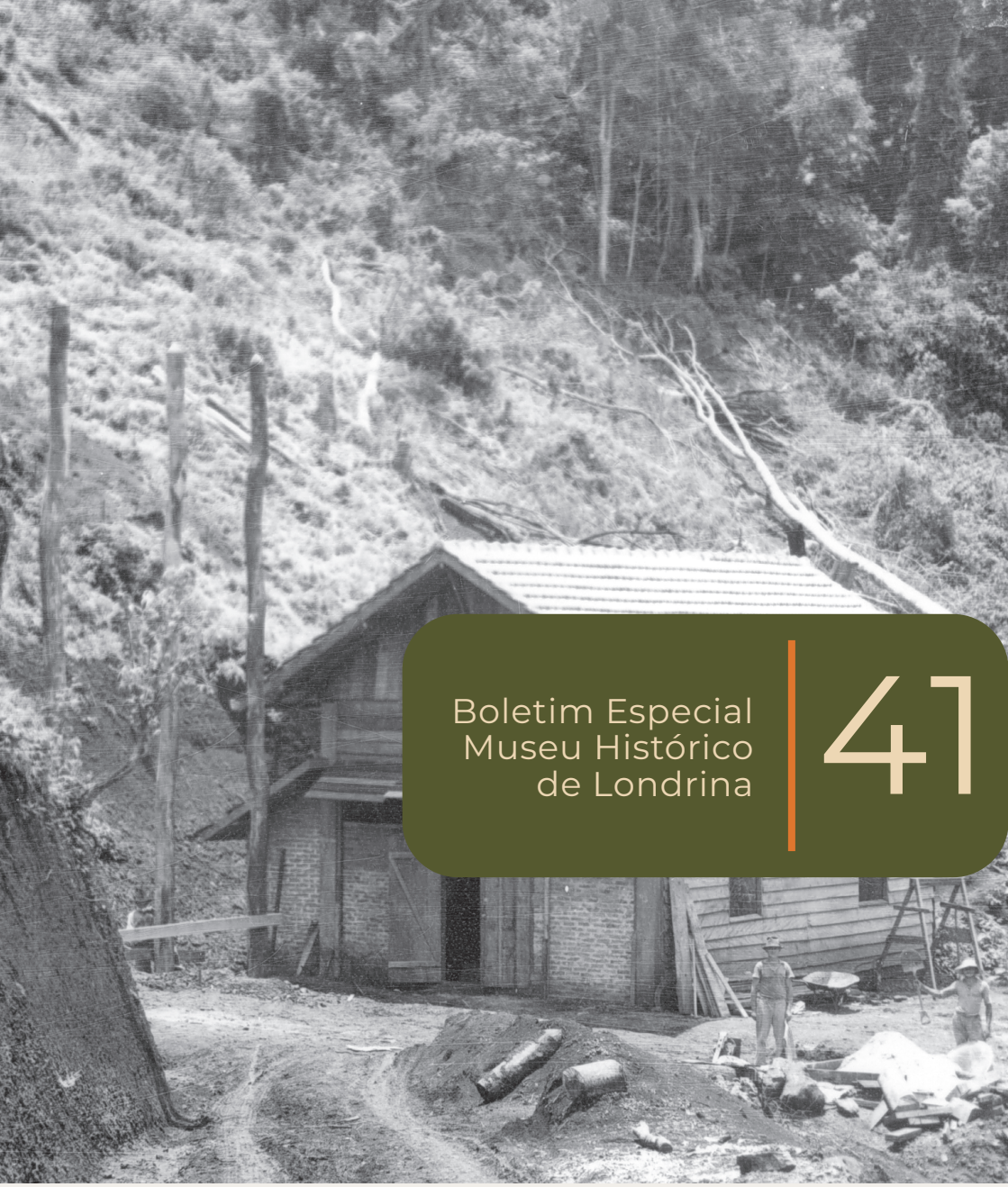


Boletim Especial
Museu Histórico
de Londrina

41

Especial
Estudos Patrimoniais II

PREFEITURA DE
LONDRINA

Secretaria Municipal de
Cultura

Universidade Estadual de Londrina
Museu Histórico de Londrina

Boletim Especial Museu Histórico de Londrina 41

Boletim Museu Histórico de Londrina. Londrina, v.24 n.41 dez. 2025

Universidade Estadual de Londrina

Reitoria
Prof.ª Dr.ª Marta Regina Gimenez Favaro

Vice-reitoria
Prof. Dr. Airton José Petris

Diretoria Acadêmica do MHL
Prof.ª Dr.ª Edméia Ribeiro

Coordenação Geral
Prof.ª Dr.ª Edméia Ribeiro

Edição
Prof.ª Dr.ª Edméia Ribeiro

Comissão Executiva
Edeni Ramos Vilela
Amauri Ramos da Silva

Presidência da ASAM
Ana Rosa Lunardelli

Editoração
Marina dos Santos Galli

Foto de Capa
Acervo MHL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Boletim Museu Histórico de Londrina / Universidade Estadual de Londrina. Museu Histórico de Londrina. — Londrina - PR : Universidade Estadual de Londrina, v.1, n. 1, jul./dez. 2009 -

Semestral

ISSN 2177-7365

1. Museologia - Periódicos. 2. Londrina — História. 3. Universidade Estadual de Londrina. 4. Museu Histórico de Londrina

CDU 069:981.622

Todos os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo ao Museu Histórico de Londrina.

Fontes
Britannic Bold; Montserrat e Arial

PREFEITURA DE LONDRINA
Secretaria Municipal de Cultura
MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA
Universidade Estadual de Londrina
ASAM
PARANÁ GOVERNO DO ESTADO

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 4

1 INTRODUÇÃO 7

2. A USINA DO SALTO DO CAMBEZINHO 9

REFERÊNCIAS 34

ASAM 37

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO 38

EQUIPE TÉCNICA DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA 39

MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA 40

APRESENTAÇÃO

A preservação do patrimônio histórico é uma prática que nos conecta com o passado, revelando histórias e valores que moldaram as realidades atuais de nossa sociedade.

O levantamento histórico aqui compilado apresenta a jornada em busca da recuperação e valorização de um patrimônio singular: a pequena (ou grande!) central hidrelétrica (PCH) do ribeirão Cambé, ou simplesmente "Usina do Parque Arthur Thomas", situada no coração da cidade de Londrina.

A Usina do Parque Arthur Thomas, que em outros tempos representou parte da força motriz do desenvolvimento londrinense, surgiu como alternativa aos pequenos geradores de energia a combustível fóssil, os quais exigiram ser substituídos em meados do século passado em função da demanda crescente por energia elétrica, na mesma velocidade em que a cafeicultura alcançava o seu auge na região. Assim como o café sofreu com a Geada Negra, a Usina sofreu sua derrocada diante das forças da natureza, após vários alagamentos e soterramentos, mas hoje se ergue como um símbolo de resistência e resiliência, entranhada nos caminhos e matas do Parque.

De forma pioneira no município, instalada em local privilegiado à jusante de uma bela queda d'água formada pelo desnível do ribeirão Cambé, viu sua primeira barragem sendo construída formando um pequeno reservatório ou lago urbano, com canais de tomada d'água similares aos aquedutos romanos, entalhados na terra e rocha, tubulões d'água encravados morro abaixo e uma casa de máquinas

que abrigaria equipamentos de tecnologia alemã para geração de energia, fabricados, após a Primeira Guerra Mundial, no Rio de Janeiro ou importados diretamente de seu país de origem, para serem transportados e instalados em Londrina.

Sua história revela memórias de planejamento e projetos de uma cidade moderna e promissora, que não deixou de ter seu olhar de desenvolvimento desviado da integração entre os seus ocupantes e a natureza, sinalizando há décadas o que hoje se busca na maioria das cidades brasileiras: o bem-estar e a qualidade de vida. Revela também uma engenharia pujante, estabelecida em Londrina desde sua fundação, pois a construção da Usina empregou técnicas milenares, equipamentos e dispositivos com tecnologias mecânica e elétrica modernas para a época, cujo rigor projetual garantiria desempenho e longevidade admiráveis, além de seu propósito operacional, sendo parte essencial da identidade do município.

A Usina e seu local de instalação, uma vez restaurados, podem servir de espaço de visitação educativa para compreensão do processo de produção de energia renovável e para realização de encontros motivacionais a novas gerações de jovens que buscam entender como as profissões desenvolvem suas atividades práticas, voltando a "con-verter" (numa alusão aos vertedouros das usinas hidrelétricas) seu valor em benefício do desenvolvimento de uma sociedade moderna e sustentável. Portanto, sua reabilitação, hoje, vai além da técnica e da arquitetura: é um movimento coletivo que reúne diferentes frentes da sociedade, visando restabelecer a memória da cidade, ao mesmo tempo em que resgata valores de sustentabilidade e inovação já presentes em sua concepção original.

Esta apresentação, portanto, não se limita a introduzir aspectos técnicos da restauração. Ele também convida à reflexão sobre o poder do patrimônio histórico como elo entre passado e futuro, mostrando como a recuperação de um símbolo do desenvolvimento urbano pode inspirar e transformar gerações.

José Fernando Mangili Jr.[1]

1 José Fernando Mangili Jr., natural de Mogi Mirim (SP), é casado com uma mineira de Itapagipe (MG) e pai de dois filhos londrinenses. É engenheiro eletricista formado pela Unesp, pós-graduado pela Unicamp, e engenheiro de segurança do trabalho pela UEL. Docente do departamento de Engenharia Elétrica da UEL desde 1998, busca, desde 2001, “resgatar” a Usina Parque Arthur Thomas.

1 INTRODUÇÃO

Este Boletim é parte integrante do projeto “Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural em Londrina: estudos de bens culturais”, na sua segunda fase. O objetivo do projeto é a elaboração de cinco estudos técnicos detalhados de bens que apresentam interesse cultural para a cidade de Londrina, no estado do Paraná. Tais estudos servirão de base para a análise e a execução do processo de tombamento ou listagem dos bens que são considerados de relevância para a preservação municipal. Este projeto recebeu financiamento do Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Artístico Histórico-Cultural de Londrina-PR, sendo promovido pela ASAM – Associação dos Amigos do Museu Histórico de Londrina.

A legislação de preservação municipal, instituída em 2011 e revista em 2024, estabelece dois principais mecanismos para a conservação: o Tombamento e a Listagem de Bens de Interesse de Preservação. Enquanto os bens materiais podem ser protegidos por ambos os instrumentos, os bens imateriais são contemplados exclusivamente na Listagem de Bens de Interesse de Preservação.

Em 2016, foi realizado o primeiro tombamento em nível municipal, relativo ao edifício conhecido como antiga Casa da Criança, que atualmente abriga a Secretaria de Cultura. No mesmo ano, a expressão “pé-vermelho” foi a primeira a ser incluída na Listagem de Bens de Interesse para preservação como bem imaterial. Em seguida, em 2020, o segundo bem tombado foi o edifício do Antigo Fórum, atualmente funcionando como Biblioteca Municipal. Nos últimos anos, diversos outros bens, tanto materiais quanto imateriais, foram reconhecidos

como patrimônio cultural de Londrina. Detalhes adicionais sobre esses bens podem ser encontrados nos demais Boletins que documentam os estudos da fase um do projeto “Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural em Londrina” e que integram a Coleção Estudos Patrimoniais Elisa Zanon.

De maneira similar à primeira, esta segunda série de estudos técnicos tem o objetivo de fundamentar os futuros pareceres de encaminhamento, tanto para o tombamento quanto para a inclusão na Listagem de Bens de Interesse de Preservação. O projeto engloba uma análise de bens materiais imóveis, como edifícios e praças, além de bens imateriais, incluindo formas de expressão. O quinto estudo técnico realizado, abordado neste Boletim, foca em um bem material imóvel de interesse patrimonial: a Usina do salto Cambezinho.

O estudo fundamentou-se nas informações presentes na solicitação para inclusão na Listagem de Bens de Interesse de Preservação, na bibliografia disponível, no levantamento iconográfico, audiovisual e documental, bem como em entrevistas e levantamentos de campo. As propostas de salvaguarda e as diretrizes de preservação delineadas nos estudos técnicos completos dos bens constituem recomendações preliminares, sujeitas a alterações pelo Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Londrina (COMPAC) no Parecer Oficial e Final de Tombamento.

Para acessar o estudo técnico completo, clique AQUI.

2. A USINA DO SALTO DO CAMBEZINHO

A Usina do salto do Cambezinho2 [Fig.1] é uma Pequena Central Hidrelétrica (PCD) que foi construída em Londrina no final da década de 1930, para abastecer a cidade recém-criada. Antes dela, Londrina tinha poucos locais que dispunham de energia elétrica, como o escritório da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), onde havia um gerador abastecido a óleo (Boni; Unfried; Benatto, 2013, p. 107).

Há relatos, como aquele descrito por Fábio Luporini (2024), de que as poucas lâmpadas da avenida Paraná (próximas ao escritório da CTNP) ficaram conhecidas como "tomatinhos", pois, devido à instabilidade do fornecimento de energia, piscavam e ficavam vermelhas:

> A CNTP era a concessionária do fornecimento de luz e força elétrica em Londrina, autorizada pelo governo estadual e pelo município de Tibagi. A inauguração da energia elétrica ainda era incipiente, mas importante no desenvolvimento do novo povoado. Inicialmente, a energia elétrica com regularidade era fornecida aos escritórios da CTNP bem como às casas do diretor-gerente Arthur Thomas e do diretor-técnico Willie Davids, além da residência de alguns funcionários […] Depois, a luz

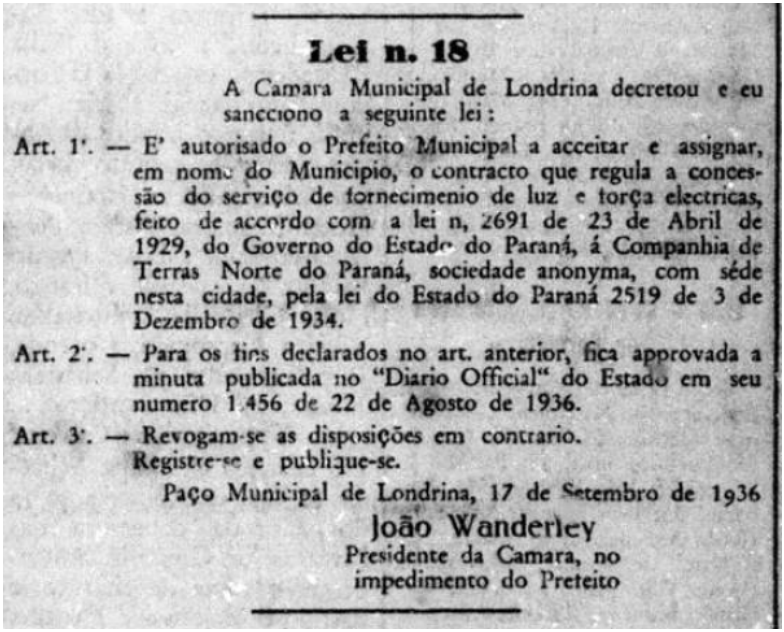
2 Ainda que a Solicitação de Tombamento identifique o bem como Usina Cambé, constatou-se, ao longo da análise documental, que não existe um nome oficial registrado para a Usina. Nas diversas fontes consultadas, é referenciado de diferentes maneiras, entre elas: usina Cambé, usina do rio Cambé, usina do ribeirão Cambé, usina do salto Cambé e usina do salto do Cambezinho. Diante da ausência de oficialização e considerando a possibilidade de confusão decorrente da coincidência com o nome do município vizinho a Londrina (Cambé), o Estudo optou por adotar uma denominação distinta daquela constante na Solicitação. A escolha prioriza o referencial geográfico que justificou a implantação da Usina, a saber, a queda d'água do rio Cambé, elemento fundamental para o funcionamento do empreendimento. Essa queda d'água é reconhecida localmente como salto do Cambezinho, denominação que orientou a proposição terminológica adotada no presente Estudo. Por essa razão, o bem será referido como Usina do salto do Cambezinho.

> elétrica chegou em um trecho da Avenida Paraná, entre a Avenida São Paulo e a Rua Maranhão. Contudo, era necessário ampliar o fornecimento de eletricidade. E essa era uma preocupação dos pioneiros com o futuro da cidade. Nos primeiros anos de Londrina, durante o dia, a luz do sol atendia as necessidades da população. De noite, era preciso ao menos ter uma luz orientativa para o trajeto dos pedestres nas ruas abertas. Ou, então, para o transporte de cargas, para o que fosse. O gerador era inconstante e oscilava o tempo todo. A luz piscava e, vez ou outra, apagava-se. As lâmpadas da Avenida Paraná foram apelidadas de tomatinho porque eram incandescentes, ficavam mais amareladas quando brilhavam. Mas, quando apresentavam queda de energia, ficavam avermelhadas, semelhantes a um pequeno tomate. Concluiu-se que, em função do crescimento de Londrina, seria preciso ampliar a geração de energia, com um fornecimento mais estável (Luporini, 2024, p. 81 e 82).

Naquele momento, a legislação estadual de 1929 garantia à CTNP o direito exclusivo de fornecer energia na região, mas os pequenos geradores a óleo não eram suficientes. Assim, em 1936, os engenheiros Gastão de Mesquita Filho e Rolando Davids criaram a sociedade Mesquita & Davids, que mais tarde, em 1941, daria origem à Empresa Elétrica de Londrina S/A (EELSA), responsável pela construção de uma usina hidrelétrica localizada às margens do ribeirão Cambé, a cerca de 13 km de sua nascente (Novak, 2017, p. 91).

Em 27 de setembro de 1936, o jornal Paraná-Norte publicou a lei n.º 18, que autorizava o prefeito Willie da Fonseca Brabazon Davids a assinar o contrato para o fornecimento de luz e energia elétrica [Fig. 1].

Figura 1 – Lei n.º 18 publicada no Jornal *Paraná-Norte* em setembro de 1936



Lei n. 18

A Camara Municipal de Londrina decretou e eu sancciono a seguinte lei:

Art. 1'. — E' autorisado o Prefeito Municipal a acceitar e assignar, em nome do Municipio, o contracto que regula a concessão do serviço de fornecimenio de luz e força electricas, feito de accordo com a lei n, 2691 de 23 de Abril de 1929, do Governo do Estado do Paraná, á Companhia de Terras Norte do Paraná, sociedade anonyma, com séde nesta cidade, pela lei do Estado do Paraná 2519 de 3 de Dezembro de 1934.

Art. 2'. — Para os fins declarados no art. anterior, fica approvada a minuta publicada no "Diario Official" do Estado em seu numero 1.456 de 22 de Agosto de 1936.

Art. 3'. — Revogam-se as disposições em contrario.
Registre-se e publique-se.

Paço Municipal de Londrina, 17 de Setembro de 1936

João Wanderley
Presidente da Camara, no impedimento do Prefeito

Fonte: *Jornal Paraná-Norte*. Acervo do MHL (2025).

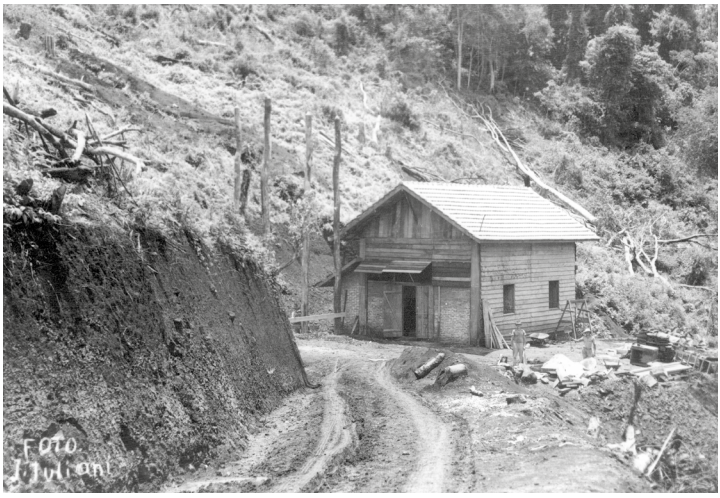
Logo em seguida, iniciou-se a construção da Usina, que demorou cerca de dois anos para ser finalizada, sendo inaugurada apenas em 8 de fevereiro de 1939. Entre os motivos da demora, estavam as mudanças no governo federal, com o início do Estado Novo, e as políticas nacionalistas que obrigaram a CTNP a realizar mudanças, tornando-se totalmente brasileira (antes, havia parte inglesa). Duas fotografias do acervo de José Juliani salvaguardado no Museu Histórico de Londrina (MHL), registram os primeiros momentos da construção da Usina do salto Cambezinho. A primeira mostra a estrutura inicial da barragem em concreto [Fig. 2]; a outra a primeira construção da casa de máquinas da Usina, feita de tijolos e madeira [Fig. 3].

Figura 2 – Barragem da Usina do salto Cambezinho, [193-]



Fonte: Coleção José Juliani. Acervo do MHL (2024).

Figura 3 – Pequena construção na Usina do salto Cambezinho, [193-]

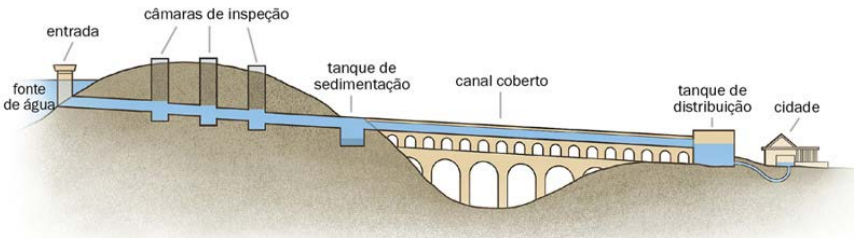


Fonte: Coleção José Juliani. Acervo do MHL (2024).

As fotografias da década de 1930 revelam que a construção da Usina do salto do Cambezinho ocorreu em meio ao desmatamento da mata nativa, prática comum na época e vista como sinal de progresso. É importante destacar que o uso de cimento na barragem é marca de uma inovação, pois o concreto ainda era pouco explorado no Brasil, e em Londrina predominava o uso da madeira, que existia em abundância na região.

Logo, é importante destacar que as técnicas construtivas usadas foram modernas para a época e guardavam relação com a engenhosidade dos antigos aquedutos romanos [Fig. 4] no transporte da água até o canal de adução e a turbina, que usavam da gravidade e da altitude para garantir o fluxo contínuo de água.

Figura 4 – Exemplo de aqueduto romano

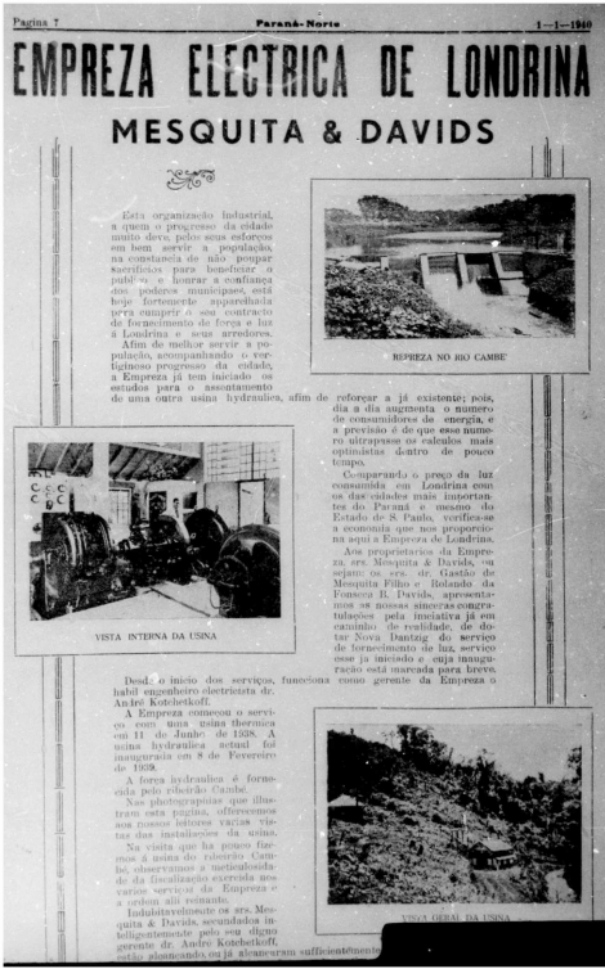


Fonte: Aquedutos […](2014).

Ainda, dentro da casa de máquinas, foi instalado um Conjunto Gerador, um grupo de máquinas que produz a energia composto pela turbina, volante de inércia, gerador síncrono, excitatriz e o canal de fuga, "[…] cujas partes e peças foram fabricadas por renomadas indústrias eletromecânicas sediadas na Europa ou nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro e trazidas a Londrina para

sua montagem e operação" (Luporini *et al*., 2024). Em fotos publicadas em 1º de janeiro de 1940 no *Jornal Paraná-Norte*, é possível observar a barragem e a casa de máquinas, vista do exterior e do interior [Fig. 5]

Figura 5 – Reportagem do *Jornal Paraná-Norte*, 1º de janeiro de 1940



Pagina 7 — Paraná-Norte — 1—1—1940

EMPREZA ELECTRICA DE LONDRINA

MESQUITA & DAVIDS

Esta organização industrial, a quem o progresso da cidade muito deve, pelos seus esforços em bem servir a população, na constancia de não poupar sacrificios para beneficiar o publico e honrar a confiança dos poderes municipaes, está hoje fortemente apparelhada pra cumprir o seu contracto de fornecimento de força e luz á Londrina e seus arredores.

Afim de melhor servir a população, acompanhando o vertiginoso progresso da cidade, a Empreza já tem iniciado os estudos para o assentamento de uma outra usina hydraulica, afim de reforçar a já existente; pois, dia a dia augmenta o numero de consumidores de energia, e a previsão é de que esse numero ultrapasse os calculos mais optimistas dentro de pouco tempo.

REPREZA NO RIO CAMBE'

VISTA INTERNA DA USINA

Comparando o preço da luz consumida em Londrina com os das cidades mais importantes do Paraná e mesmo do Estado de S. Paulo, verifica-se a economia que nos proporciona aqui a Empreza de Londrina.

Aos proprietarios da Empreza, srs. Mesquita & Davids, ou sejam: os srs. dr. Gastão de Mesquita Filho e Rolando da Fonseca B. Davids, apresentamos as nossas sinceras congratulações pela iniciativa já em caminho de realidade, de dotar Nova Dantzig do serviço de fornecimento de luz, serviço esse já iniciado e cuja inauguração está marcada para breve.

Desde o inicio dos serviços, funcciona como gerente da Empreza o habil engenheiro electricista dr. André Kotchetkoff.

A Empreza começou o serviço com uma usina thermica em 11 de Junho de 1938. A usina hydraulica actual foi inaugurada em 8 de Fevereiro de 1939.

A força hydraulica é fornecida pelo ribeirão Cambé.

Nas photographias que illustram esta pagina, offerecemos aos nossos leitores varias vistas das installações da usina.

Na visita que ha pouco fizemos á usina do ribeirão Cambé, observamos a meticulosidade da fiscalização exercida nos varios serviços da Empreza e a ordem ali reinante.

Indubitavelmente os srs. Mesquita & Davids, secundados inteligentemente pelo seu digno gerente dr. André Kotchetkoff, estão alcançando os já alcançaram sufficientemente

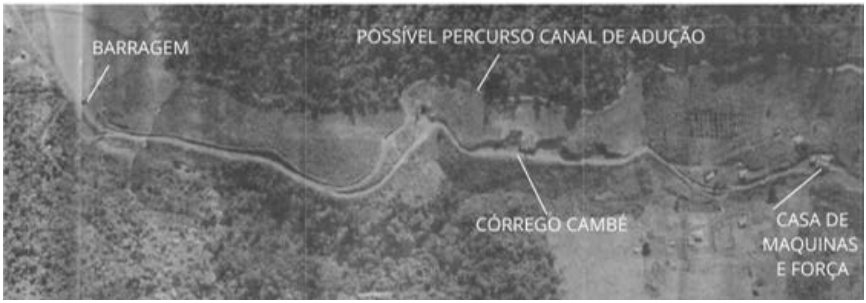
VISTA GERAL DA USINA

Fonte: *Jornal Paraná-Norte*. Acervo do MHL (2025).

A reportagem informa que a inauguração da Usina teria ocorrido em 8 de fevereiro de 1939, mas Bortolotti (2007, p. 136) afirmou que isso teria ocorrido um pouco antes, em 9 de janeiro de 1939. Parece mais plausível a data informada na reportagem, que também é atestada por outros autores, como Boni, Unfried e Benatto (2013, p. 108) e Novak (2017, p. 93).

Além do Conjunto Gerador, da barragem e da casa de máquinas, a Usina também possui um canal de adução, que leva a água da barragem até a casa de máquinas. Em fotos aéreas de 1949 é possível observar o percurso que se divide em dois: um superior, acompanhando o canal de adução, e outro inferior, seguindo o córrego Cambé até a casa de máquinas [Fig. 6]. Atualmente, esses caminhos são conhecidos como trilha da Cotia (superior) e trilha da Cuíca (inferior).

Figura 6 – Caminhos da Usina do salto Cambezinho, 1949

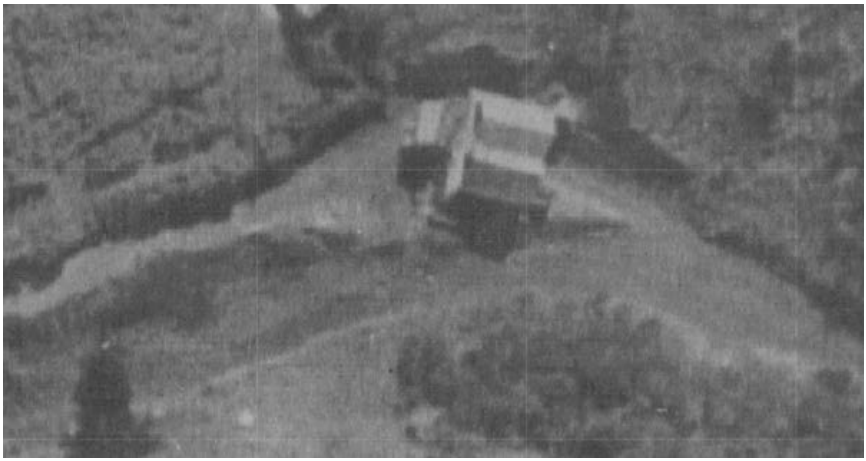


Fonte: Siglon (2025).

Ademais, a foto de 1949 também mostra que a casa de máquinas passou por uma ampliação na década de 1940. Nela houve "a construção de uma segunda cobertura, nos mesmos moldes da primeira, resultando em uma cobertura principal em quatro águas, e após foi acrescentado um pequeno volume na

fachada principal, com cobertura em continuidade ao beiral mais baixo da fachada lateral esquerda" (Caires *et al*., 2025) [Fig. 7]. Além disso, é possível ver um segundo edifício menor na frente da casa de máquinas que funcionava como casa de força, distribuindo a energia gerada.

Figura 7 – Aerofotografia, 1949



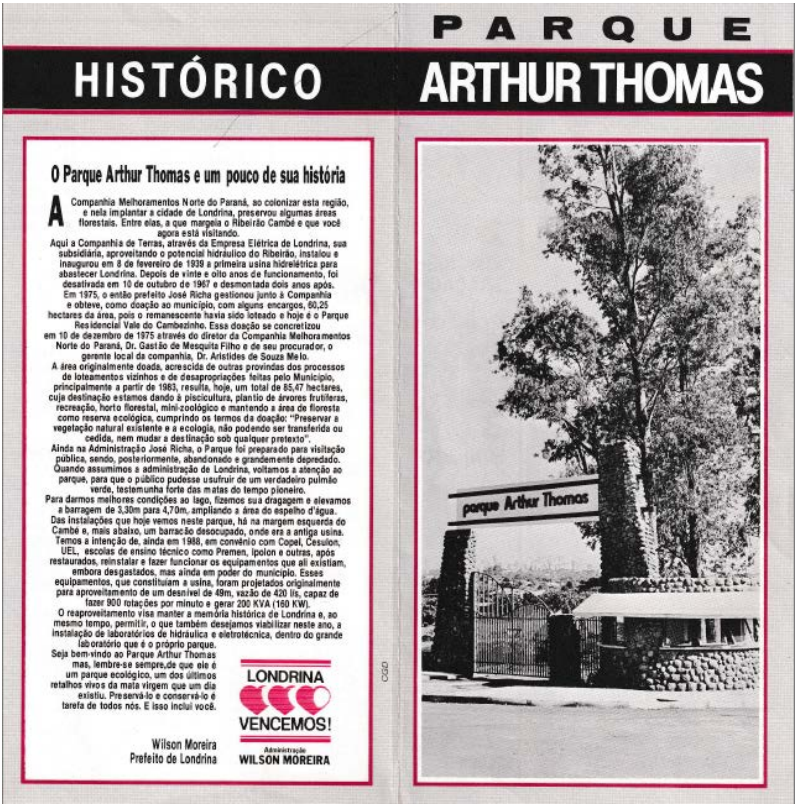
Fonte: Siglon (2025).

A capacidade de geração da Usina do salto do Cambezinho variou conforme as fontes: alguns autores apontam 200 kW (Boni;Unfried; Benatto, 2013, p. 108), suficientes para abastecer cerca de seis mil moradores ou cinco quarteirões residenciais, enquanto outros mencionam 160 kW (Luporini, 2024, p. 82) Essa diferença parece estar ligada à distinção entre as medidas em kVA e kW, como registra um fôlder do Parque Arthur Thomas, que descreve os equipamentos projetados para gerar 200 kVA (equivalentes a 160 kW). O decreto federal de 1939, por sua vez, indicava 196 kW. Apesar das divergências, é consenso que a

Usina rapidamente se tornou insuficiente diante do crescimento de Londrina, o que levou à construção de novas hidrelétricas de maior porte, como a Três Bocas, em 1943, e a Apucaraninha, em 1949.

Mesmo com a criação de novas usinas para abastecer a região, a Usina do salto do Cambezinho continuou em funcionamento até 10 de outubro de 1967, sendo que um fôlder informa que ela foi "desmontada dois anos após" [Fig. 8].

Figura 8 – Fôlder



Fonte: SEMA (2025).

Após o encerramento das atividades da Usina do salto Cambezinho, a prefeitura solicitou à Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (antiga CTNP) a doação da área onde estava instalada. Em 1975, por meio da Lei n.º 2564, o município recebeu oficialmente 60,25 hectares destinados à criação de um espaço de lazer e preservação ambiental. A escritura foi assinada em dezembro do mesmo ano, e posteriormente o terreno foi ampliado com novas áreas provenientes de loteamentos vizinhos e desapropriações, chegando a 85,47 hectares.

Nesse espaço foi criado o Parque Arthur Thomas, aberto ao público apenas em 10 de dezembro de 1987, com a execução, no período de 1975 a 1987, de várias reformas e adaptações do espaço, a exemplo da limpeza das trilhas e a construção de um portal de entrada. Além disso, houve também intervenções na barragem, que antes era de três metros, passando para 4,70 metros. Segundo o fôlder do Parque Arthur Thomas, essa mudança tinha como objetivo o melhor aproveitamento do lago:

> Quando assumimos a administração de Londrina, voltamos a atenção ao parque, para que o público pudesse usufruir de um verdadeiro pulmão verde, testemunha forte das matas do tempo pioneiro. Para darmos melhores condições ao lago, fizemos sua dragagem e elevamos a barragem de 3,30 m para 4,70 m, ampliando a área do espelho d`água. Das instalações que hoje vemos neste parque, há na margem esquerda do Cambé e, mais abaixo, um barracão desocupado, onde era a antiga usina. Temos a intenção de, ainda em 1988, em convênio com Copel, Cesulon, UEL, escolas de ensino técnico como Premen, Ipolon e outras, após restaurados, reinstalar e fazer funcionar os equipamentos que ali existiam, embora desgastados, mas ainda em poder do município[…] O reaproveitamento visa manter a memória histórica de Londrina, ao mesmo tempo, permitir, o que também desejamos viabilizar neste ano, a instalação de laboratórios de hidráulica e eletrotécnica, dentro do grande laboratório que é o próprio parque (Parque [...], [1988]).

Observa-se que havia, também, a intenção de reativação da Usina. Em uma foto da década de 1980 feita durante as intervenções para a preparação do Parque, é possível reconhecer que a casa de máquinas se encontra em bom estado de conservação. Também se visualiza a casa de força construída à frente da casa de máquinas [Fig. 9]. Ainda que não seja possível identificar a data dessa construção, é plausível que ela seja bem anterior, já que sua função era auxiliar o funcionamento da Usina.

Figura 9 – Casa de máquinas da Usina do salto Cambezinho, [198-]



Fonte: Coleção PML. Acervo do MHL (2025), editado pelos autores (2025).

Em 2001, a intenção de reativação da Usina foi trabalhada por um grupo de estudantes tutorados pelo professor de engenharia elétrica da Universidade Estadual de Londrina, José Fernando Mangili Jr. As imagens registradas por eles [Fig. 10 a 14] mostram a casa de máquinas e a barragem em bom estado de conservação. Não há mais a casa de força e apenas uma estrutura remanescente parece marcar o espaço no chão ocupado pela estrutura. No entanto, no interior da casa de máquinas ainda foi possível encontrar diversos equipamentos da casa de força e o Conjunto Gerador original.

Figura 10 – Fachada principal da casa de máquinas, 2001



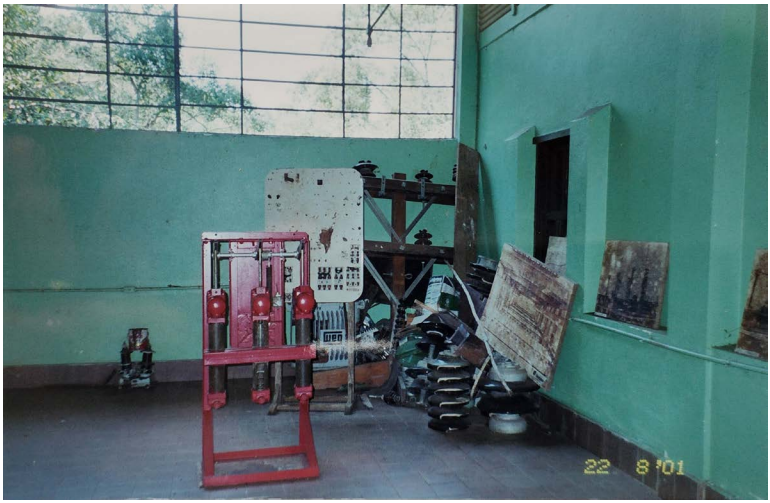
Fonte: Acervo de Mangili Jr. (2025).

Figura 11 – Conjunto de máquinas original, 2001



Fonte: Acervo de Mangili Jr. (2025).

Figura 12 – Conjunto de máquinas original, 2001



Fonte: Acervo de Mangili Jr. (2025).

Figura 13 – Barragem da Usina do salto do Cambezinho com canal de adução, 2001



Fonte: Acervo de Mangili Jr. (2025).

Figura 14 – Barragem da Usina do salto Cambezinho, 2001



Fonte: Acervo de Mangili Jr. (2025).

Contudo, antes mesmo dessas intervenções dos anos 2000, o Parque já sofria com problemas relacionados ao assoreamento. Uma reportagem de 1999 afirma que

> […] o leito da represa está sofrendo muito com o assoreamento, em conseqüência da terra que desce diariamente nas águas do Ribeirão Cambé e seus afluentes. Para dragar toda a terra, que já prejudica os pedalinhos e os peixes em alguns pontos, é necessária a contratação de equipamento pesado e caro (Costa, 1999, p. 4).

Os problemas foram se agravando, entre eles, um importante soterramento da casa de máquinas, ocorrido em 2004. Uma foto mostra a gravidade [Fig. 15]. As paredes foram destruídas e a fachada teve significativas avarias. Pouco tempo depois, recuperou-se o espaço, com a limpeza e a construção de uma parede de tijolos [Fig. 16].

Figura 15 – Soterramento da Usina do salto Cambezinho, 2004



Fonte: SEMA (2004).

Figura 16 – Recuperação da Usina do salto Cambezinho, 2004



Fonte: SEMA (2004).

Segundo Mangili Jr., entre 2005 e 2008 foram feitas intervenções superficiais de recuperação da Usina do salto Cambezinho, sem continuidade adequada (Mangili Jr., 2025). Um projeto, datado de 2006, aponta uma importante reforma da casa de máquinas, que devolveria sua porta de entrada e recuperaria elementos perdidos da fachada, mas que só teria acontecido em 2009.

Fotos de 2008 mostram a casa de máquinas ainda fechada com a parede de tijolos e o avanço da mata [Fig. 17 e 18]. No interior da casa de máquinas, o Conjunto Gerador ainda continha resíduos de terra, possivelmente decorrentes do soterramento de 2004 [Fig. 19].

Figura 17 – Usina do salto do Cambezinho recuperada, 2008



Fonte: Parque […] (2022).

Figura 18 – Usina do salto do Cambezinho recuperada, 2008



Fonte: Coradini (2008).

Figura 19 – Equipamentos desativados da Usina, 2008



Fonte: Coradini (2008).

Em 2011, uma série de chuvas voltou a causar problemas na região de Londrina, com muitos alagamentos e deslizamentos de terra. Não há notícias que mostram a Usina do salto Cambezinho, mas Mangili Jr. (2025) afirma que fez uma visita ao local para ver o estado dos componentes. Segundo ele, houve desmoronamentos da encosta do morro lateral à casa de máquinas, e parte dos seus materiais internos não estavam mais lá, como os painéis de instrumentos e alguns maquinários, restando apenas os maiores e mais pesados, que inviabilizaram a reativação da Usina, sem intervenções mais modernas.

Poucos anos depois, em 2016, uma nova destruição foi causada pelas chuvas, levando sérios problemas à estrutura da casa de máquinas [Fig. 20 e 21]. Segundo Fábio Luporini:

> Londrina foi castigada com uma chuva que provocou diversos estragos na cidade. Entre os diversos prejuízos, como asfaltos destruídos e casas invadidas

> pela enxurradas, a primeira usina elétrica de Londrina, […] foi soterrada em partes. […] O soterramento de alguns equipamentos da usina comprometeu a utilização do gerador (Luporini, 2024, p. 91).

Figura 20 – Estrutura da Usina do salto do Cambezinho danificada pelas chuvas de 2016



Fonte: Parque […] (2022).

Figura 21 – Estrutura da Usina do salto do Cambezinho danificada pelas chuvas de 2016



Fonte: Parque […] (2022).

Segundo Vacario e Machado (2019, p. 131), os recorrentes alagamentos e inundações no ribeirão Cambé estão relacionados a fatores como eventos extremos de chuva, impermeabilização do solo, aterros em áreas inadequadas e assoreamento. Feitosa (2019) acrescenta que o acúmulo de resíduos lançados no reservatório, a ausência de manutenção e de sistemas de gradeamento, somados à erosão das margens e à compactação do solo que intensifica o escoamento da água, são os principais responsáveis pelo assoreamento, processo que forma ilhas e compromete o equilíbrio do ecossistema local (SEMA, 2004, p. 321 e 345).

Desde 2024, a Usina do salto do Cambezinho permanece em risco constante. As imagens mostram o espaço com pouca manutenção [Fig. 22 a 30], cuja estrutura tem sérias avarias, que precisam ser avaliadas e recuperadas.

Figura 22 – Usina do salto Cambezinho, 2024



Fonte: Luporini (2024). Foto: Luciano Schmeiske Pascoal (2024).

Figura 23 – Conjunto Gerador, 2024



Fonte: Luporini (2024). Foto: Luciano Schmeiske Pascoal (2024).

Figura 24 – Vista interior da casa de máquinas, 2024



Fonte: Luporini (2024). Foto: Luciano Schmeiske Pascoal (2024).

Figura 25 – Trilha de acesso à Usina, 2025



Fonte: Autores (2025).

Figura 26 – Barragem, 2025



Fonte: Autores (2025).

Figura 27 – Casa de máquinas, 2025



Fonte: Autores (2025).

Figura 28 – Estado atual da casa de máquinas, 2025



Fonte: Autores (2025).

Figura 29 – Vista interna da casa de máquinas, 2025



Fonte: Autores (2025).

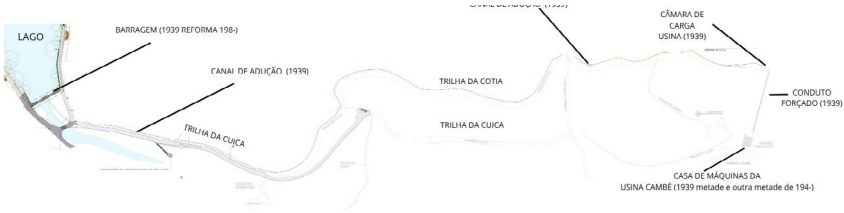
Figura 30 – Parte interna da casa de máquinas, 2025



Fonte: Autores (2025).

Apesar das diversas avarias ocorridas ao longo das últimas décadas, o sítio da Usina do salto do Cambezinho ainda preserva um conjunto expressivo de estruturas originais. Entre os elementos remanescentes, destacam-se a barragem, o canal de adução, a câmara de carga, o conduto forçado e a casa de máquinas, esta última contendo parte do maquinário inicial [Fig. 31].

Figura 31 – Esquema do conjunto da Usina do salto Cambezinho, 2025



Fonte: Autores (2025).

O jornalista Fábio Luporini lançou um livro com fotografias de Luciano Schmeiske Pascoal (2024), e um documentário também está em produção para contar a história do Parque, atualmente em processo de reformas. No entanto, o Estudo técnico que fundamenta este Boletim ressalta que nem todas as estruturas da Usina do salto do Cambezinho foram contempladas nessas intervenções, sendo necessários novos investimentos para sua preservação e valorização (Caires *et al*., 2025). A Usina reúne, por meio da sua história e dos elementos que a compõem, importantes valores patrimoniais: é exemplo de patrimônio industrial, possui grande potencial turístico e educativo e se consolida como um lugar de memória de Londrina, narrando parte essencial do desenvolvimento da cidade.

REFERÊNCIAS

AQUEDUTOS romanos — maravilhas da engenharia, **JW** 2014. Disponível em: https://www.jw.org/pt/biblioteca/revistas/g201411/aquedutos-engenharia-romana/. Acesso em: 9 jul. 2025.

BONI, Paulo César; UNFRIED, Rosana Reineri; BENATTO, Omeletino. **Memórias fotográficas**: a fotografia e fragmentos da história de Londrina. Londrina: Midiograf, 2013.

BORTOLOTTI, João Baptista. **Planejar é preciso**: memórias do planejamento urbano de Londrina. Londrina: Midiograf, 2007.

Caires; Campos; Godoi; Wedekin; Agnelo; Marques e Maestro, 2025. **Usina do Salto do Cambezinho no Parque Arthur Thomas**. Estudos patrimoniais 2 n. 5. Londrina: Associação dos Amigos do Museu Histórico de Londrina, 2025. Disponível em: https://sites.uel.br/museu/estudos-patrimoniais-ii/.Acesso em: 27 mar. 2025.

COSTA, Osmani. Parque faz o clima ficar suportável em Londrina. **Folha de Londrina**, Londrina, p. 4, 18 ago. 1999. Acervo da Folha de Londrina, do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH).

CORADINI, Míriam Paula. **Leituras de paisagens em parques urbanos**: função e percepção. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

FEITOSA, Mateus Conde. **Análise da estrutura limnológica e proposta de recuperação ambiental do reservatório do Parque Arthur Thomas (Londrina – PR)**. 2019. Monografia (Graduação em Engenharia Ambiental) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Londrina, 2019.

JR. MANGILI, José Fernandes. Entrevista concedida aos autores 8 jul. 2025.

JR. MANGILI, José Fernandes. Acervo fotográfico. Consulta em: 8 jul. 2025.

LONDRINA. **Lei ordinária n.º 2564, de 17 de setembro de 1975**. Dispõe da doação da Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná, uma área de terras destinada à implantação de área de lazer. Disponível em: https://www.cml.pr.gov.br/proposicoes/Leis-/1975/2/0/38845. Acesso em: 23 maio 2025.

LONDRINA. **Lei n.º 13902, de 27 de dezembro de 2024**. Dispõe sobre a Preservação do Patrimônio Cultural do Município de Londrina, os processos de listagem e de tombamento de bens de interesse de preservação, o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural e o Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural de Londrina. Disponível em: https://www.cml.pr.gov.br/proposicoes/Leis-/2025/1/0/222787. Acesso em: 31 ago. 2025.

LUPORINI, Fábio. **Arthur Thomas**: da marcha para o oeste ao Parque Municipal. Londrina: Kan, 2024.

LUPORINI, Fábio; PASCOAL, Luciano Schmeiske; MANGILI JR., José Fernando; FERRAZ, Maria Ângela. **Requerimento de tombamento histórico-cultural municipal da Usina Cambé**. Diretória de Patrimônio Histórico. Secretaria Municipal de Cultura. Prefeitura Municipal de Londrina. Londrina, 27 de junho de 2024.

MHL (Museu Histórico de Londrina). Acervo fotográfico. Consulta em: 31 ago. 2025.

MHL (Museu Histórico de Londrina). Acervo do Jornal Paraná-Norte. Consulta em: 31 ago. 2025.

NOVAK, Éder da Silva. **Os Kaingang do Apucarana, o órgão indigenista e a Usina Hidrelétrica do Apucaraninha.** 2017. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2017.

Parque histórico Arthur Thomas, [1988]. Fôlder. Prefeitura de Londrina. Acervo da SEMA.

PARQUE Arthur Thomas é reaberto ao público após quase dois anos: conheça a história do lugar. **G1**; , 28 jan. 2022. Disponível em: https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2022/01/28/parque-arthur-thomas-e-reaberto-ao-publico-apos-quase-dois-anos-conheca-a-historia-do-lugar.ghtml. Acesso em: 23 maio 2025.

SEMA (Secretaria Municipal do Ambiente). **Parque Municipal Arthur Thomas**: Plano de manejo. Londrina, 2004.

SEMA (Secretaria Municipal do Ambiente). O **Parque Arthur Thomas e um pouco de sua história**. Acervo da SEMA. Consulta em: 31 jul. 2025.

VACARIO, Ester Paula Leite; MACHADO, Gileni. Inundações urbanas e Londrina PR: um estudo da bacia do Ribeirão Cambé. **Geografia em questão**, Marechal Cândido Rondon, v. 12, n. 1, p. 120-141, 2019.

ASAM

O Museu Histórico de Londrina, como tantos outros, conta com a atuação da ASAM (Associação dos Amigos do Museu Histórico de Londrina) para o cuidado deste espaço, desde a conservação predial até a expansão de acervos. A ASAM é uma pessoa jurídica privada, sem qualquer finalidade lucrativa, que objetiva a promoção da cultura, defesa e conservação do patrimônio histórico do Museu Padre Carlos Weiss. Com sede e foro na cidade de Londrina (PR), tem Inscrição Estadual Isenta, CNPJ/MF 01.192.562/0001-47, Utilidade Publica Municipal pela lei 10.882, de 24/03/2010, e Utilidade Pública Estadual pela lei 12.198, de 15/07/1998. Foi fundada em 18 de maio de 1995. Uma vez que o Museu se caracteriza como instituição pública, vinculada à Universidade Estadual de Londrina, a ASAM, pela sua constituição jurídica e independência, é a responsável por captar recursos externos para a manutenção e conservação de acervos e preservação da estrutura predial.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

O artigo deverá apresentar as seguintes normas:

1. Inédito:

• Título

• Autor(es) com identificação da instituição a que pertence(m) em nota de rodapé;

• Resumo - máximo 50 palavras;

• Palavras-chave - até até 6 palavras;

• Texto com no mínimo 5 e no máximo 10 páginas (Word for Windows e fonte Times New Roman, tamanho 12, entre-linhas 1,5 e margem 3 cm), ou

• Texto com tema único, no mínimo 30 e no máximo 40 páginas;

• Referências bibliográficas seguindo normas da ABNT (contendo somente obras citadas no texto).

2. Os textos deverão ser enviados para o e-mail bibmuseu@uel.br, com carta de autorização de publicação anexa ao e-mail.

3. Caso o artigo seja resultado de pesquisa financiada, esta deverá ser mencionada em nota de rodapé.

4. Nome completo do(s) autor(es) e seus dados em nota de rodapé.

5. As fotografias e imagens (quando houver) deverão vir no formato digital JPEG, 300 dpi de resolução, com legendas e fotografias e indicação do local a ser inserido no texto. As fontes deverão ser devidamente mencionadas e autorizadas, respeitando a legislação em vigor.

Contato do Museu Histórico de Londrina
(43) 3371-1975 | bibmuseu@uel.br

EQUIPE TÉCNICA DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

Diretoria Acadêmica

Prof.ª Dr.ª Edméia Ribeiro

Secretaria

Edeni Ramos Vilela

Expografia

Amauri Ramos da Silva

Residência

Carlos Eduardo da Silva Carvalho

Design

Marina dos Santos Galli

Equipe

Alex Pereira; Amauri Ramos da Silva; André Luís da Silva; Mariana Lopes dos Santos Borges; Neiva Lemes Albrecht Batista; Vanessa Andreia Borela Ferreira

Estagiários

Daniele Caroline Antunes; Gabriel Arantes Corrêa; Júlia Oliveira Cebulski; Julia Piovesan; Letícia Fernanda Moraes; Marina dos Santos Galli; Pedro Henrique Ferreira; Thiago Teixeira Carlos; Vitor Marroni Fortuna

MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

Rua Benjamin Constant, n.º 900 - Centro, Londrina (PR)

CEP 86010-350

(43) 3323-0082

museu@uel.br | https://sites.uel.br/museu/

Redes Sociais do Museu Histórico de Londrina

@museuhistoricodelondrina

Facebook Museu Histórico de Londrina

Canal do Youtube do Museu Histórico de Londrina

@museulondrinamhl